

NARRATIVAS DE VIDA E FORMAÇÃO DE PROFESSORAS NEGRAS PARA UMA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Melo, Rafael dos Santos¹
Terra, Dinah Vasconcellos²

Resumo

Este trabalho apresenta reflexões decorrentes de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no PPGEd/UFF, cujo foco está na relação entre formação docente, experiências pedagógicas e prática docente no campo da Educação Física escolar. O objetivo do estudo é compreender, por meio de narrativas docentes, como professoras de uma rede pública de ensino constroem seus percursos formativos e elaboram práticas pedagógicas voltadas às relações étnico-raciais na Educação Básica. A investigação parte do entendimento de que a escola pública constitui um espaço privilegiado para a produção de saberes docentes e para a construção de práticas comprometidas com o enfrentamento das desigualdades raciais historicamente presentes na sociedade brasileira. Os percursos metodológicos fundamentam-se na pesquisa narrativa, articulada à metodologia das conversas, buscando produzir conhecimentos a partir das experiências compartilhadas por duas professoras. Nesse processo, as narrativas das docentes são compreendidas como espaços de elaboração de memórias, trajetórias formativas e reflexões sobre o cotidiano escolar. A construção do material de análise ocorreu por meio de encontros dialógicos, nos quais as professoras narraram aspectos de suas histórias de vida, de sua formação e de suas práticas pedagógicas em Educação Física. A problematização que orienta o estudo parte da compreensão de que a implementação de uma educação antirracista na escola envolve não apenas o cumprimento de dispositivos legais, mas também processos formativos que mobilizam experiências, memórias e posicionamentos ético-políticos das professoras. Nesse sentido, os resultados indicam que as trajetórias formativas e profissionais das docentes se entrelaçam às suas práticas pedagógicas, produzindo modos singulares de abordar as relações étnico-raciais no cotidiano da Educação Física escolar. Conclui-se que as narrativas docentes constituem um importante caminho para compreender a produção de saberes pedagógicos comprometidos com a valorização da história e da cultura afro-brasileira, evidenciando a potência das experiências formativas e das práticas escolares na construção de uma educação para as relações étnico-raciais na Educação Básica.

Palavras-chave: Educação Física escolar; formação docente; narrativas; relações étnico-raciais.

Introdução

A reflexão que orienta este trabalho emerge do entrelaçamento entre memória familiar, formação docente e compromisso com uma Educação para as Relações Étnico-Raciais. Entre as lembranças que marcam minha trajetória, destaca-se a presença constante de minha mãe e de suas mãos dedicadas ao bordado, prática aprendida em cursos profissionalizantes

¹ Mestrando em Educação PPGEd/UFF. Professor da Rede Municipal de Educação de São Gonçalo. E-mail: rsmelo@id.uff.br

² Doutora em Educação – Universidade de Barcelona-ES. Professora da Faculdade de Educação e do PPGEd/UFF. E-mail: dvterra@id.uff.br

frequentados enquanto aguardava minha saída da escola. Mais do que uma habilidade manual, o bordado tornou-se uma forma de cuidado e expressão. As toalhas bordadas com nomes de familiares e amigos materializavam, em linhas e pontos, vínculos afetivos e reconhecimento. É a partir da experiência, atravessada por gênero, raça e classe, que se delineia meu compromisso com a investigação das práticas pedagógicas e com a construção de uma Educação Física comprometida com a equidade racial.

Minha mãe iniciou sua trajetória de trabalho muito cedo, aos 13 anos, como trabalhadora doméstica na casa de uma família em Copacabana, no Rio de Janeiro. À época, vivia em Nova Aurora, no município de Belford Roxo, na Baixada Fluminense. A inserção precoce no trabalho revela como gênero, raça e classe atravessam as possibilidades de infância para meninas negras e periféricas. Entre nove irmãos, foi a única a concluir a educação básica e a ingressar no curso de formação de professores, o chamado curso Normal, realizado na Escola Presidente Kennedy. Embora tenha realizado estágios docentes, não seguiu carreira no magistério, permanecendo no setor de serviços até o nascimento do segundo filho, o autor desta narrativa, quando passou a se dedicar integralmente à organização da vida familiar. Tal trajetória, frequentemente interpretada como escolha individual, precisa ser compreendida à luz das condições estruturais que historicamente limitam oportunidades e produzem renúncias para mulheres negras das classes populares (Carneiro, 2023).

Recordo-me também dos longos trajetos que fazíamos até a Escola Estadual de Ensino Fundamental República, localizada no bairro de Quintino, região distinta daquela em que residíamos. Morávamos em Costa Barros, mas minha mãe insistia em afirmar que pertencíamos a Guadalupe. Na época, eu a corrigia; hoje compreendo que aquele gesto era uma estratégia simbólica de reposicionamento social diante de territórios marcados por estigmas. A decisão de matricular meu irmão e a mim em uma escola distante do bairro de origem estava associada tanto à busca por segurança quanto à convicção de que a circulação por outros espaços poderia ampliar horizontes culturais e possibilidades de futuro.

Foi nesse contexto que o bordado passou a ocupar um lugar significativo em nossa história. Enquanto aguardava o término das aulas, minha mãe frequentava cursos oferecidos na unidade: de idiomas à informática, de culinária a práticas artesanais, entre os quais o bordado se tornaria uma atividade constante. Com o tempo, aquilo que surgira como aprendizado circunstancial transformou-se em expressão de criatividade e cuidado. Os presentes confeccionados por ela, toalhas bordadas com nomes e pequenos desenhos, tornaram-se símbolos de pertencimento e afeto.

Essa imagem orienta a metáfora que estrutura esta pesquisa. Bordar implica entrelaçar fios distintos, escolher pontos, reconhecer texturas, lidar com erros e recomeços. De maneira semelhante, esta dissertação é construída como um bordado coletivo. O estudo é tecido em diálogo com duas professoras de Educação Física da uma rede pública de ensino no Rio de Janeiro, cujas narrativas compõem parte fundamental deste percurso investigativo. Suas trajetórias não são tratadas como objetos externos de análise, mas como vozes que tensionam e ampliam a compreensão sobre a prática docente e sobre os desafios de construir uma educação comprometida com as relações étnico-raciais.

Ao assumir a narrativa como caminho metodológico, este trabalho aproxima-se de perspectivas que reconhecem a experiência vivida como dimensão legítima da produção de conhecimento. Nesse sentido, a memória não é compreendida apenas como lembrança individual, mas como território de elaboração coletiva e ancestral. Como afirma Leda Maria Martins, “as curvas da ancestralidade são presididas pelos antepassados venerados, pois sua imanência e presença são condições imprescindíveis para o pulso e fluxo ininterruptos e contínuos de existir” (MARTINS, 2021). Reconhecer essa dimensão implica compreender que nossas trajetórias se constroem a partir de heranças, renúncias e estratégias produzidas por aqueles que nos antecederam.

Nesse sentido, as experiências familiares aqui evocadas não operam apenas como elementos autobiográficos, mas como fundamento epistemológico e político do estudo. Conforme argumentam Nogueira e Nogueira (2002), as trajetórias individuais não podem ser explicadas exclusivamente pela posição de classe, pois são atravessadas por múltiplas influências sociais que produzem escolhas, expectativas e estratégias distintas. Assim, compreender percursos de vida exige considerar o entrelaçamento entre território, raça, gênero e classe.

A motivação desta pesquisa nasce desse cruzamento entre experiência pessoal e inquietação acadêmica. A preocupação central reside na longevidade acadêmica dos estudantes, especialmente daqueles pertencentes à população negra e às classes trabalhadoras. Entende-se por longevidade acadêmica não apenas o acesso à escola, mas também a permanência qualificada, o engajamento com os processos educativos e a construção de perspectivas de futuro. Nesse contexto, torna-se fundamental investigar de que maneira práticas pedagógicas em Educação Física podem contribuir para a construção de ambientes escolares comprometidos com a valorização da história e da cultura afro-brasileira, que seja, a cultura de 58,2% dos

estudantes da educação básica que, em suas matrículas, são declarados pretos/pardos, Segundo o Censo da Educação Básica de 2025.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é compreender, por meio de narrativas docentes, como professoras de Educação Física constroem seus percursos formativos e elaboram práticas pedagógicas voltadas às relações étnico-raciais na Educação Básica. A investigação organiza-se em diálogo com duas docentes da rede pública, cujas experiências permitem problematizar os desafios e as possibilidades de construção de práticas antirracistas no cotidiano escolar.

A dissertação estrutura-se como um bordado composto por diferentes fios narrativos. No primeiro movimento, apresentam-se elementos da trajetória familiar e pessoal que fundamentam a reflexão proposta. Em seguida, discute-se a trajetória acadêmica, destacando experiências formativas e referências teóricas que orientam o estudo. O terceiro movimento dedica-se à trajetória profissional das docentes participantes, explorando as práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto da Educação Física escolar. Por fim, as considerações finais retomam os principais achados do estudo e refletem sobre as contribuições dessas experiências para a construção de uma educação comprometida com a equidade racial.

O bordado que aqui se inicia busca evidenciar que práticas pedagógicas para às relações étnico-raciais não surgem de abstrações teóricas isoladas, mas de trajetórias concretas, memórias compartilhadas e escolhas construídas no cotidiano da escola. Ao reconhecer o corpo, a memória e a cultura como dimensões centrais da formação humana, a Educação Física pode constituir-se como espaço potente para a produção de práticas educativas comprometidas com o enfrentamento do racismo e com a valorização da diversidade cultural na Educação Básica.

Pontos que constroem os caminhos metodológicos deste bordado

A presente investigação fundamenta-se em uma abordagem qualitativa orientada pela pesquisa narrativa. Tal escolha metodológica decorre da compreensão de que as experiências vividas por docentes constituem fontes legítimas de produção de conhecimento, especialmente quando se pretende compreender práticas pedagógicas situadas no cotidiano escolar. Nesse sentido, a pesquisa busca investigar trajetórias formativas e profissionais de professoras de Educação Física a partir de suas próprias narrativas, reconhecendo que a produção do conhecimento também se constrói no diálogo entre experiências, memórias e reflexões sobre a prática.

A escolha por esse caminho metodológico está diretamente relacionada à minha experiência situada como homem negro e professor de Educação Física. Ao longo da trajetória

acadêmica recente, o contato com produções intelectuais de autoras e autores negros ampliou minha compreensão acerca das dinâmicas históricas de opressão e resistência que atravessam a sociedade brasileira. Entretanto, tais referenciais estiveram em grande medida ausentes durante minha formação inicial na Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculada à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Essa ausência evidencia uma formação ainda fortemente ancorada em matrizes epistemológicas eurocentradas, o que reforçou a necessidade de aprofundar estudos sobre relações raciais no campo educacional.

A opção pela pesquisa narrativa não se deu de maneira imediata. Minha formação inicial ocorreu em um ambiente acadêmico estruturado pelo tripé ensino, pesquisa e extensão, no qual predominavam modelos investigativos orientados pela objetividade e pela universalização do conhecimento. Tais perspectivas, embora relevantes para determinados campos científicos, frequentemente atribuem menor centralidade à experiência vivida como dimensão produtora de saberes. Nesse contexto, aproximar-se da pesquisa narrativa representou um deslocamento epistemológico que reconhece as histórias de vida e as experiências docentes como territórios de reflexão crítica.

Essa perspectiva dialoga com as reflexões de Iolanda de Oliveira (2021), que destaca o papel estratégico das universidades na promoção da equidade racial no campo educacional. A legislação brasileira estabelece marcos importantes nesse processo, como a Lei nº 10.639/2003, que determina a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira no currículo da Educação Básica, e a Resolução CNE/CP nº 01/2004, que orienta a inserção da Educação das Relações Étnico-Raciais nos cursos de formação docente. Contudo, a existência desses dispositivos legais não garante, por si só, transformações efetivas nos processos formativos.

Conforme analisa Josiane Clímaco (2022), a formação humana no contexto do modo de produção capitalista tende a assumir caráter unilateral, frequentemente subordinado a estruturas institucionais que reproduzem valores meritocráticos e individualistas. Tais dinâmicas podem limitar a capacidade crítica da formação docente, restringindo a incorporação de perspectivas que problematizem as desigualdades raciais e sociais. Assim, a adoção da pesquisa narrativa constitui também um posicionamento político: reconhecer que trajetórias docentes são espaços de elaboração crítica frente a formas hegemônicas de produção do conhecimento.

Na pesquisa narrativa, o foco investigativo recai sobre a experiência. Diferentemente de abordagens que priorizam a coleta de dados objetivos, essa perspectiva busca compreender como sujeitos atribuem sentido às suas próprias trajetórias. A pesquisa narrativa envolve a

construção de textos de campo elaborados a partir do encontro entre pesquisador e participantes, em um processo relacional e ético de produção de conhecimento (Prado, Soligo, Simas, 2022)

Os participantes da pesquisa são duas professoras de Educação Física em atuação numa rede pública de ensino no Estado do Rio de Janeiro. Ao longo do trabalho, optamos por nomeá-las como **Professorasbordadeiras**, termo inspirado na metáfora do bordado que atravessa esta dissertação. Assim como no bordado, a docência é compreendida como um trabalho minucioso, artesanal e coletivo, no qual diferentes fios: trajetórias pessoais, experiências profissionais e saberes construídos no cotidiano se entrelaçam na produção de práticas pedagógicas.

Os procedimentos metodológicos envolveram encontros de conversa com as professoras participantes, nos quais foram compartilhadas memórias de formação, experiências profissionais e reflexões sobre práticas pedagógicas relacionadas às relações étnico-raciais. Esses encontros constituíram os principais instrumentos de produção dos textos de campo, posteriormente analisados à luz dos referenciais teóricos mobilizados na pesquisa. O processo de análise buscou identificar recorrências temáticas, tensões e deslocamentos presentes nas narrativas, considerando sempre o contexto social e histórico em que essas experiências se inscrevem.

Durante o percurso investigativo, realizou-se também um levantamento bibliográfico voltado às discussões sobre educação antirracista e formação docente. Após a banca de qualificação, optou-se por adotar de forma mais precisa a perspectiva da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), em consonância com os marcos legais e com as Diretrizes Curriculares Nacionais. Essa mudança não representa um abrandamento político da investigação, mas um refinamento conceitual que permite compreender a escola como espaço de construção de relações pautadas no reconhecimento da diferença e na valorização da diversidade cultural.

Outro aspecto formativo relevante deste percurso refere-se à centralidade das contribuições de intelectuais negras para a fundamentação teórica do estudo. A partir das reflexões de autoras como Sueli Carneiro, Josiane Clímaco e Leda Maria Martins, foi possível ampliar o diálogo entre as narrativas docentes e os debates contemporâneos sobre raça, gênero e educação. Essas produções intelectuais contribuem para compreender que as trajetórias das professoras participantes não se configuram apenas como histórias individuais, mas como expressões de experiências coletivas marcadas por resistências, estratégias familiares e projetos geracionais de ascensão por meio da educação.

Por fim, o cronograma da pesquisa acompanhou as etapas da pós-graduação: levantamento bibliográfico inicial, realização dos encontros narrativos com as professoras participantes, elaboração dos textos de campo, análise das narrativas e escrita da dissertação. Ao longo desse processo, buscou-se preservar o caráter dialógico da investigação, reconhecendo que o conhecimento produzido resulta do encontro entre diferentes experiências e perspectivas.

Assim, a metodologia adotada não se limita à descrição de procedimentos técnicos. Ela expressa uma escolha ética e epistemológica: produzir conhecimento em diálogo com professoras da escola pública, reconhecendo suas histórias e experiências como espaços legítimos de reflexão e produção de saberes sobre a Educação Física e sobre a construção de práticas pedagógicas comprometidas com as relações étnico-raciais.

Bordados das trajetórias docentes: família, formação e prática pedagógica

A organização analítica desta dissertação assume a metáfora do bordado como forma de leitura das trajetórias narradas. O bordado, entendido como prática artesanal que entrelaça fios, tempos e sentidos, permite compreender a formação docente como um processo contínuo de tessitura de experiências. Cada capítulo, denominados **bordados**, reúne fios distintos que, ao serem entrelaçados, produzem sentidos sobre a formação e a atuação profissional das participantes. Não se trata de capítulos estanques, mas de movimentos de aproximação entre experiências familiares, percursos formativos e práticas pedagógicas, compondo uma narrativa coletiva que ilumina dimensões estruturais da docência em Educação Física no contexto das relações étnico-raciais.

Primeiro bordado: família e formação inicial da experiência

O fio que entrelaça as três trajetórias narradas nesta dissertação é a centralidade da família como espaço inaugural de formação. Antes mesmo do ingresso nas instituições escolares ou universitárias, é no âmbito familiar que se estabelecem valores, expectativas e sentidos que orientam o percurso educacional dessas docentes. Nesse contexto, o provérbio africano segundo o qual “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança” sintetiza uma lógica de formação relacional, na qual diferentes sujeitos e experiências participam da construção de um projeto de vida.

As narrativas analisadas evidenciam que a docência em Educação Física não surge como um acontecimento isolado, restrito à escolha individual ou à formação acadêmica formal.

Ao contrário, ela se constitui como resultado de uma rede de relações marcada por vínculos familiares, experiências comunitárias e processos coletivos de incentivo à escolarização. A família aparece, portanto, não apenas como espaço de socialização primária, mas como instância política de resistência frente às desigualdades estruturais que historicamente atravessam a população negra no Brasil.

Essa dimensão torna-se particularmente relevante quando se consideram os contextos socioeconômicos nos quais essas trajetórias se desenvolveram. Inseridas em realidades marcadas por restrições materiais e desigualdades raciais, as famílias das docentes mobilizaram estratégias para garantir a permanência escolar e ampliar horizontes educacionais. O investimento na educação aparece, assim, como um projeto coletivo que ultrapassa a dimensão individual, expressando expectativas geracionais de mobilidade social, dignidade e reconhecimento.

A pesquisa de Silva (2022) contribui para compreender esse movimento ao evidenciar que trajetórias de mulheres negras na educação frequentemente se constituem em processos de transformação do espaço social em que atuam. Ao longo de suas vidas, a consciência crítica construída a partir das experiências de desigualdade e resistência converte-se em fundamento de práticas educativas comprometidas com a justiça racial. A docência, nesse sentido, assume caráter político e comunitário, articulando formação pessoal e compromisso social.

A presença formadora da família também revela a importância das dimensões afetivas no processo educativo. As memórias narradas pelas participantes indicam que cuidado, incentivo e reconhecimento desempenharam papel decisivo na consolidação de suas trajetórias escolares. Mesmo diante de condições adversas, essas experiências produziram sentidos positivos em relação ao estudo e ao trabalho docente, fortalecendo a percepção da educação como caminho possível de transformação.

Encerrar este primeiro bordado implica reconhecer que as narrativas aqui analisadas não se limitam a relatos de violência ou exclusão. Embora essas dimensões estejam presentes, elas não esgotam o significado das experiências vividas. Ao contrário, as histórias revelam um compromisso histórico com a continuidade da luta por dignidade e reconhecimento. Ao compreenderem o racismo como estrutura social e elaborarem estratégias de enfrentamento, essas docentes afirmam sua negritude, consolidam sua identidade profissional e reposicionam a escola como espaço possível de transformação. Não se trata de negar as marcas do passado, mas de interpretá-las criticamente e transformá-las em fundamento para uma ação pedagógica intencional.

Segundo bordado: formação universitária e disputas no campo da Educação Física

O segundo eixo de confluência entre as trajetórias analisadas situa-se na formação inicial das docentes, realizada na Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD/UFRJ). Fundada em 1939, ainda sob a denominação de Universidade do Brasil, essa instituição ocupa lugar simbólico na história da área por ter sido a primeira escola superior de Educação Física integrada a uma universidade no país. Essa posição histórica confere à instituição papel relevante na constituição do campo acadêmico da Educação Física brasileira.

Entretanto, essa trajetória institucional também revela tensões próprias da formação universitária no país. A construção da Educação Física como área acadêmica esteve historicamente vinculada a projetos nacionais que articulavam ciência, esporte e formação corporal, muitas vezes orientados por perspectivas que privilegiavam determinadas matrizes epistemológicas e culturais. Nesse cenário, a formação docente em Educação Física passou a ser atravessada por disputas entre diferentes concepções de corpo, educação e sociedade.

A reflexão de Iolanda de Oliveira (2021) contribui para compreender esse processo ao destacar que as instituições de ensino superior brasileiras foram historicamente estruturadas de maneira distante das necessidades e interesses da maior parte da população. Tal distanciamento afetou particularmente a população negra, cuja presença nas universidades foi durante muito tempo limitada por barreiras sociais, econômicas e raciais. Mesmo diante das conquistas obtidas pelos movimentos sociais e das políticas de democratização do acesso ao ensino superior, essas instituições ainda carregam marcas profundas de desigualdade.

Nesse contexto, as trajetórias das docentes analisadas evidenciam tanto os desafios quanto as possibilidades presentes na formação universitária. A presença de estudantes oriundos da classe trabalhadora e de grupos historicamente marginalizados tensiona estruturas institucionais e produz deslocamentos importantes no campo acadêmico. A universidade torna-se, assim, espaço de disputa simbólica, no qual diferentes experiências e perspectivas passam a reivindicar legitimidade.

Outro elemento relevante nesse processo formativo foi a participação das docentes em programas institucionais de iniciação à docência, especialmente o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Conforme descreve Raimundo (2022), o subprojeto PIBID/Educação Física vinculado à universidade e que as docentes fizeram parte aposta no registro do fazer pedagógico por meio de múltiplas linguagens, entendendo esse gesto como parte constitutiva da formação docente.

Essa proposta pedagógica se fundamenta na ideia de que narrar, registrar e refletir sobre a prática educativa são processos fundamentais para a construção da identidade profissional. Ao produzir relatos, registros visuais e reflexões escritas, os licenciandos são convidados a interpretar suas próprias experiências e a construir sentidos sobre o trabalho docente. Esse movimento contribui para superar lacunas frequentemente presentes na formação inicial, aproximando teoria e prática de maneira mais orgânica.

A participação das docentes nesse programa formativo evidencia a importância de experiências que articulam universidade e escola pública. Ao vivenciarem o cotidiano escolar ainda durante a graduação, essas estudantes tiveram a oportunidade de desenvolver um olhar crítico sobre os desafios da profissão, ao mesmo tempo em que elaboravam estratégias pedagógicas para enfrentá-los. Assim, a formação universitária não se restringiu à transmissão de conteúdos teóricos, mas incluiu experiências concretas de atuação docente e reflexão coletiva.

Considerações finais tecidas no Terceiro bordado: prática pedagógica e construção de uma Educação Física comprometida com a diversidade

O terceiro bordado desta dissertação volta-se à análise das práticas pedagógicas desenvolvidas pelas docentes no contexto da escola pública. Mais especificamente, busca compreender como suas experiências formativas e trajetórias pessoais se traduzem em propostas de ensino comprometidas com a valorização da diversidade e com o enfrentamento das desigualdades raciais.

O estudo de Nóbrega (2019) oferece importante contribuição para essa reflexão ao analisar a atuação de docentes negros de Educação Física e suas contribuições para a construção de uma pedagogia da diversidade. A pesquisa articula revisão teórica, análise de conteúdo e entrevistas com professores, evidenciando que suas experiências profissionais frequentemente tensionam o currículo tradicional da área e ampliam a compreensão sobre o papel social da Educação Física na escola.

Os resultados indicam que os relatos de experiência desses docentes contribuem para ressignificar a função da disciplina no contexto escolar. Ao incorporar discussões sobre identidade, cultura e diversidade, suas práticas pedagógicas transformam a Educação Física em espaço de reflexão crítica sobre as relações sociais e raciais que atravessam o cotidiano dos estudantes.

Para orientar a análise desenvolvida nesta dissertação, recorreremos à metáfora do

espelho retrovisor. Entendido como dispositivo reflexivo, o espelho permite pensar a relação entre professores e estudantes no interior da escola pública. Ao olhar para seus alunos e alunas, majoritariamente negros/as e oriundos/as das classes populares, o/a professor/a é convidado a refletir sobre aquilo que vê refletido: apenas a ausência histórica de reconhecimento ou a possibilidade de construção de novos horizontes educativos.

Essa metáfora conduz à distinção entre dois modos de olhar. O primeiro pode ser caracterizado como um olhar narcisista, associado a tradições filosóficas eurocêntricas que tendem a reproduzir perspectivas autorreferenciais e universalizantes. O segundo, que denominamos olhar retrovisor, remete à tradição simbólica africana representada pelo **símbolo Sankofa**, pertencente ao conjunto de signos Adinkra. O ensinamento associado a esse símbolo afirma a necessidade de retornar ao passado para recuperar aquilo que foi esquecido ou negado, tornando possível a construção de um futuro diferente.

Quando aplicada ao contexto educacional, essa perspectiva convida os docentes a reinterpretar criticamente suas próprias trajetórias e as histórias de seus estudantes. Professores e professoras que compartilham origens sociais semelhantes às de seus alunos frequentemente reconhecem, nessas experiências, aspectos de sua própria história. Esse reconhecimento produz uma forma de identificação que pode fortalecer o compromisso pedagógico com a transformação das condições de vida das novas gerações.

No caso das trajetórias analisadas nesta dissertação, esse movimento ganha contornos ainda mais significativos. Oriundos da classe trabalhadora e inseridos como docentes em escolas públicas localizadas em territórios marcados por desigualdades sociais, os sujeitos da pesquisa reconhecem nos estudantes reflexos de suas próprias histórias. Esse reconhecimento não se limita a um gesto simbólico; ele orienta a construção de práticas pedagógicas que buscam afirmar a dignidade das crianças negras e ampliar suas possibilidades de participação social.

Assim, o espelho que se apresenta diante do/a professor/a não devolve apenas a imagem dos estudantes, mas também a imagem de sua própria trajetória. Ao reconhecer-se nesse reflexo, o/a docente pode transformar a experiência educativa em espaço de memória, dignidade e compromisso coletivo. A Educação Física escolar, nesse sentido, torna-se campo privilegiado para a construção de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural e contribuam para a formação de sujeitos críticos e conscientes de sua história.

Referências

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CLIMACO, Josiane Cristina. *Cultura corporal e matrizes africanas: proposição crítico superadora para o ensino da dança na formação de professores de educação física*. Salvador; Tese (doutorado) – Universidade Federal Da Bahia, Salvador, 2022.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura; SIMAS, Vanessa. Fontes de informações, Registros investigativos e Modos de produção de conhecimentos: uma compreensão da pesquisa narrativa articulada em três dimensões. *Revista de Educación*, 0(25.1), p. 101-118. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Inep). *Censo Escolar da Educação Básica 2025: resumo técnico*. Brasília: Inep, 2025. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br>>. Acesso em: [10/03/2025]

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Editora Cobogó, 2021.

NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. *Educação antirracista no município de São Paulo: análise das experiências pedagógicas na área de educação física escolar*. Guarulhos; Dissertação (mestrado) – PPGEd/Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins.; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação & Sociedade*, v. 23, n. 78, p. 15–35, abr. 2002.

OLIVEIRA, Iolanda de. Construindo a universidade que queremos. *Revista Educação Pública*. Cuiabá, v. 30, e11854, jan. 2021. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-20972021000100223&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 fev. 2026. Epub 09-Ago-2021. <https://doi.org/10.29286/rep.v30ijan/dez.11854>.

RAIMUNDO, Alessandra Cristina. O avesso do entre lugares do PIBID na formação de professores/as de Educação Física. Niterói; *Tese (doutorado)* – PPGEd/Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

SILVA, Kelly Cristina Caetano. *Trajetórias de vida de docentes negras que atuam nos cursos de formação de professoras(es) da Universidade Federal de Uberlândia* [recurso eletrônico] / Kelly Cristina Caetano Silva. - 2022.